

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECOMIA

Francine Conde Cabral

Desromantizando a maternidade:
o compartilhamento de informações no canal HelMother

Porto Alegre - RS

2019

Francine Conde Cabral

Desromantizando a maternidade:
o compartilhamento de informações no canal HelMother

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para
obtenção de título de Bacharel em
Biblioteconomia pela Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Rodrigo Silva Caxias
de Sousa.

Coorientadora: Luziane Graciano Martins.

Porto Alegre - RS

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Karla Maria Müller

Vice-Diretora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Dra. Samile Andrea de Souza Vans

Chefe Substituta: Profa. Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador Substituto: Prof. Dra. Caterina Marta Groposo Pavão

CIP - Catalogação na Publicação

Cabral, Francine Conde

Desromantizando a maternidade: o compartilhamento de informações no canal HelMother / Francine Conde Cabral. -- 2019.

61 f.

Orientador: Rodrigo Silva Caxias de Sousa.

Coorientador: Luziane Graciano Martins.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Compartilhamento de informações. 2. Humanidades digitais. 3. Feminismo. 4. Maternidade. I. Sousa, Rodrigo Silva Caxias de, orient. II. Martins, Luziane Graciano, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705.

CEP: 90035-007

Tel.: (51) 3308.2856 / (51) 3308.5138

Email: dci@ufrgs.br

Francine Conde Cabral

Desromantizando a maternidade:
o compartilhamento de informações no canal HelMother

A Banca Examinadora abaixo assinada aprova o trabalho de conclusão de curso:

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr^o. Rodrigo Silva Caxias de Sousa (Orientador)

Mestranda Luziane Graciano Martins (Coorientadora)

Prof^a. Dr^a. Rita do Carmo Ferreira Laiplet (Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Sônia Elisa Caregnato (Examinadora)

Aprovado em: 13 de dezembro de 2019

Dedicado as 11,6 milhões de famílias
tradicionais brasileiras, compostas por mães
solo e seus filhos.

AGRADECIMENTOS

Por inúmeras vezes pensei em agradecer a todos aqueles que um dia me causaram sofrimento ao disseminarem ódio e preconceito contra mulheres, mães e crianças, mas, apesar de tudo que um dia me atingiu ter virado munição, o ódio não é o combustível desse trabalho. Em meio a tanta dor e revolta, o afeto é o que me ampara e me liberta todos os dias. Portanto, é esse o sentimento que será registrado aqui.

Na primeira semana de aula me disseram para curtir a vida acadêmica, pois eu nunca mais viveria algo igual. Essa pessoa tinha razão. Obrigada, Fabico e colegas dessa caminhada, que há cinco anos compartilham as angústias e alegrias da vida acadêmica: Stheve, Rafaella, Gabriel, Luise e demais amigos. Jess, co-autora e cúmplice, obrigada por cada momento compartilhado dessa aventura.

Emancipa, por proporcionar a construção de uma história da qual me orgulho. E, mais do que isso, por me aproximar de pessoas que tanto admiro. Lays, pedagoga e dona da Faced, nada seria tão incrível se eu não te tivesse ao meu lado para compartilhar e comemorar comigo.

Às professoras Sônia Caregnato, Samile Vanz, Rita Laipelt e Ketlen Stueber, mulheres e profissionais inspiradoras, e ao professor Jackson Medeiros. Ao professor e amigo Rodrigo Caxias, pelo afeto em cada passo dessa caminhada. Obrigada por me permitir chegar até aqui e dar suporte em cada fraquejada nessa chatice conhecida como vida de adulto. Que sorte a minha ter tua generosidade, empatia e alegria em tempos tão difíceis.

À família Conde e às minhas ancestrais. Rosângela, Cíntia e Carla, minha rede de apoio, muito obrigada por todo tempo despendido para que eu pudesse chegar até aqui. Nada é possível sem vocês ao meu lado.

Clarice, tu és a essência dessa história: teu olhar doce, tua risada, tua espontaneidade e inteligência estão presentes em cada linha desse trabalho e em cada pulso do meu coração. Desde que compreendi a dimensão de ser tua mãe, eu também compreendi a dimensão da necessidade do feminismo. Obrigada, minha filha. Obrigada por me fazer lutar por nós e por todas as mulheres. Hoje, com somente três anos, já és carinhosamente chamada de “feministinha” por minhas companheiras de militância sempre que reproduz meus inflamados discursos militantes. E assim, com o peito cheio de amor e orgulho, só posso continuar te

proporcionando uma educação libertária e afetiva, torcendo para que no futuro, quando entenderes essa luta e o que ela representa para mim, consigas ter noção do quanto eu te amo. Parafraseando Manuela D'Ávila, tu és quem faz brotar asas em minhas costas e raízes em meus pés, quem me faz ter medo do mundo e me dá mais coragem para lutar e transformá-lo. Obrigada por reescrever a minha história e protagonizá-la ao meu lado.

“Não sou livre enquanto outra mulher for
prisioneira, mesmo que as correntes dela
sejam diferentes das minhas.”

Audre Lorde

RESUMO

Estudo que analisa a percepção sobre a maternidade por parte dos usuários das informações compartilhadas no vídeo “Por que desromantizar a maternidade?”, do canal HelMother. Apresenta o compartilhamento de informação como uma prática informacional e traz o espaço de manifestação do fenômeno. Discute humanidades digitais como viés interpretativo do fenômeno e o feminismo negro como viés interpretativo para as categorias propostas. Propõe as seguintes categorias: Carreira (CAR), Academia (ACA), Elogio (ELO), Sororidade (SOR), Privilégio paterno (PPT), Tratamento às mães (TRM), Doenças psíquicas (PSC), Feminismo (FEM), Papel social da mulher (PSM), Criação libertária (LIB), Racismo (RAC), Maternidade solo (MSL), Machismo (MAC), LGBTQ+ (GLS), Método contraceptivo (CNT), Aborto (ABO), Rede de apoio (RED), Estético (EST), Indagação/confronto ao assunto debatido no vídeo (IND), Negação da maternidade (NEG), Aceitação da maternidade (ACE), Filhos especiais (ESP), Não mãe (NMA), Mudança de percepção (MPE) e Violência (VLC). Conceitua tais categorias e as identifica qualitativamente através da apresentação dos resultados das análises de 411 comentários. Identifica a predominância da categoria “Sororidade (SOR)” nas postagens. Conclui que o compartilhamento das informações no canal possibilita que as vivências e demandas das mães sejam ouvidas, tornando-o um espaço de acolhimento, visto que mulheres se reconhecem nas informações compartilhadas.

Palavras-chave: Compartilhamento de informação. Humanidades digitais. Feminismo negro. Maternidade.

ABSTRACT

This study analyzes users' perceptions of motherhood on the information shared in the video "Why de-romanticize motherhood?", by HelMother. It presents the sharing of information as an informational practice and brings the space of manifestation of the phenomenon. It discusses digital humanities as interpretative bias of the phenomenon and black feminism as interpretative bias for the proposed categories. Proposes the categories: Career (CAR), Academy (ACA), Compliment (ELO), Sisterhood (SOR), Paternal Privilege (PPT), Treatment for Mothers (TRM), Psychic Diseases (PSC), Feminism (FEM), Women's Social Role (PSM), Libertarian Child Care (LIB), Racism (RAC), Solo Maternity (MSL), Male Chauvinist (MAC), LGBT + (GLS), Contraceptive Methods (CNT), Abortion (ABO), Support Network (RED), Aesthetics (EST), Inquiry/Confrontation to the subject discussed in the video (IND), Maternity Denial (NEG), Maternity Acceptance (ACE), Disabled Children (ESP), Non-Mother (NMA), Perception Change (MPE) and Violence (VLC). It conceptualizes these categories and identifies them qualitatively by presenting the analysis results of 411 comments. Identifies the predominance of the "Sorority (SOR)" category in posts. It concludes that sharing information on the channel enables mothers' experiences and demands to be heard, making it a welcoming space, as women recognize themselves in the shared information.

Key-words: Information sharing. Digital humanities. Black feminism. Motherhood.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Identificação do problema.....	13
1.2 Objetivo geral	14
1.3 Objetivos específicos.....	14
1.4 Justificativa	14
2 DA PERSPECTIVA TEÓRICA AO ESPAÇO DE MANIFESTAÇÃO DO FENÔMENO.....	16
2.1 Práticas de compartilhamento e uso de informação: a maternidade no <i>Youtube</i>	16
2.3 Humanidades digitais: desmitificando a maternidade.....	20
2.2 A perspectiva teórica do Feminismo Negro e Interseccionalidade	24
3 METODOLOGIA.....	28
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

A maternidade, assim como todos os outros papéis sociais desempenhados pela mulher, é moldada e estruturada por uma sociedade patriarcal¹ e hegemonicamente branca² – portanto androcêntrica³, cisheteronormativa⁴ e racista – que sedimentam e asseguram a manutenção dos privilégios dos dominantes. Essa estrutura legitima a ideologia misógina de que somente alcança a felicidade plena e completa a mulher que gera filho, tornando aberrante e frígida quem escolhe não os ter; reforça a romantização e invisibiliza mulheres, tornando-as seres angelicais e abdicadores em nome de crianças; pré-determinam que a partir do momento em que é mãe, perde-se o direito de exercer outros papéis, exceto se optar pela renúncia à viver a maternidade, reforçando a ideia de que mães presentes na vida dos filhos não são capazes de exercer outra atividade.

Até mesmo as discussões feministas, apesar de tratarem sobre a função reprodutiva desde o século XIX, trazidas a tona por mulheres como Emma Goldman, Flora Tristán, Nisia Floresta e Bertha Lutz (PIMENTEL; VILELLA, 2012), discutiam exclusivamente sobre direito ao aborto e negavam a maternidade. É necessário, portanto, relativizar a presença da agenda das mães e suas demandas nas discussões feministas até então.

Contraopondo isso, a blogosfera materna, como é denominada a rede de mulheres que utilizam redes sociais on-line para discutir, gerar e compartilhar informações acerca da maternidade, é responsável por trazer a tona os diversos

¹ Formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens (DELPHY, 2009), manifestando-se na organização social, política, econômica e validada legalmente. Valendo-se de mecanismos de controle social, o sistema patriarcal assegura a manutenção desse poder na liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades.

² O fenômeno da hegemonia branca é chamado de “branquitude”, estrutura social que assegura a superioridade e privilégio de pessoas brancas. (JESUS, 2012)

³ Postura segundo a qual todos os estudos, análises, investigações, narrações e propostas são enfocadas a partir de uma perspectiva unicamente masculina, e tomadas como válidas para a generalidade dos seres humanos, tanto homens como mulheres. (FACIO; CAMACHO, 199-?)

⁴ Matriz normativa e ideal regulatório relativo às designações compulsórias das identidades de gênero e da orientação sexual. Nesse sentido, nomeia-se, conseqüentemente, experiências de identificação de pessoas, ao longo de suas vidas, com o sexo/gênero que lhes foi designado e registrado no momento do nascimento, após esta definição, a heterossexualidade passa a ser definida como única possibilidade de sexualidade. Assim, toda uma gama de sexo, sexualidade e identidade de gênero deveriam se enquadrar dentro dos moldes da cisheteronormatividade, sendo a apenas pessoas cisgenera e tendo a única orientação sexual considerada normal a heterossexualidade. (SILVA, 2017)

aspectos da maternidade que são engendrados pelo patriarcado e pela homogenia branca, tornando-se responsável pela crescente desmitificação sobre o que é ser mãe. A partir de uma suposta⁵ popularização da tecnologia digital, nos é permitido questionar essa condição materna que impacta na carreira, na formação acadêmica, na saúde mental e na existência das mães enquanto sujeitos. Essa rede de mulheres vale-se das diversas ferramentas de criação, compartilhamento e uso de informação em redes sociais on-line para potencializar a interação e discussão acerca da suas vivências e, no viés aqui adotado, uma nova forma de maternar, relativizando a estrutura de poder vigente no mundo off-line.

A partir disso, com o viés interpretativo das humanidades digitais, observamos quais as percepções sobre a maternidade presentes no espaço off-line e manifestadas em comentários realizados pelos usuários dessas informações disponibilizadas no espaço on-line. Com abordagem qualitativa, utilizando como instrumentos de pesquisa a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), relacionando as categorias emergidas à discussão feminista negra, justificando-se devido à desobediência epistêmica trazida por Mignolo (2008).

O fenômeno será estudado no vlog HelMother. A escolha pelo canal se deu por sua relevância na militância materna brasileira: são mais de 160 mil inscritos na plataforma do YouTube, além de 92,8 mil seguidores no Instagram e 5 mil seguidores no Twitter⁶. Criado e gerenciado por Helen Ramos, visa apresentar a “maternidade sem caô”. O vídeo cujos comentários foram analisados denomina-se “Por que desromantizar a maternidade?”. No vídeo em questão, a vlogueira se propõe a elencar os aspectos que foram determinantes para que ela própria iniciasse o processo de desromantização da maternidade e, a partir disso, ela elenca diversas violências oriundas do patriarcado que mulheres sofrem desde a infância até a fase adulta e, conseqüentemente, repercutem na maternidade.

1.1 Identificação do problema

Qual a percepção sobre maternidade das pessoas que usam a informação criada e disponibilizada no canal HelMother?

⁵ Trataremos como suposta porque o acesso à tecnologia é um privilégio, portanto o uso das informações disponibilizadas na rede é afetado por fatores socioeconômicos.

⁶ Números que correspondem aos inscritos até 26 nov. 2019.

1.2 Objetivo geral

Observar a percepção dos usuários acerca da maternidade a partir das interações realizadas no canal HelMother.

1.3 Objetivos específicos

- a) Caracterizar o canal HelMother;
- b) Discutir o compartilhamento de informações sobre maternidade no vlog;
- c) Identificar as categorias emergidas entre as manifestações;
- d) Analisar os comentários realizados por usuários em relação ao vídeo “Por que desromantizar a maternidade?”.

1.4 Justificativa

A opção pela temática da maternidade deve-se primordialmente ao interesse pessoal da autora, que logo ao ingressar na universidade descobriu estar grávida. A falta de informações e a ausência de políticas (públicas e estudantis) que permitissem estudar e viver o puerpério de forma concomitante tornaram a caminhada acadêmica quase impossível. A universidade, tão sonhada e desejada desde a infância, tornou-se um fardo pela falta de acolhimento. Tornar-se mãe, todavia, permitiu que a autora se descobrisse enquanto sujeito político. Mais do que uma colcha de retalhos que visava agradar amigos, companheiro e familiares, a maternidade possibilitou o encontro consigo mesma.

Ademais, vivemos em uma sociedade patriarcal e hegemonicamente branca, que tem, portanto, o homem (branco) como modelo e medida. A ciência reproduz essa estrutura e, conseqüentemente, os saberes produzidos são de uma perspectiva da vivência masculina e tomados como válidos para todos os seres humanos, inclusive mulheres (FACIO; CAMACHO, 199-). Historicamente a Ciência objetifica mulheres e nega-lhes a capacidade e autoridade do saber. De tal forma, o conhecimento produzido não lhes é emancipatório. Por sua vez, a crítica feminista tem denunciado a exclusão e invisibilidade das mulheres no mundo da ciência e, mais do que isso, questionando os pressupostos básicos da Ciência Moderna, virando-a de cabeça para baixo ao revelar que ela não é nem nunca foi “neutra”. (SARDENBERG, 2001). Portanto, apoiamo-nos epistemologicamente no projeto

feminista na ciência e na academia, que de acordo com Oakley (1998, tradução nossa) está pautado em produzir e disseminar saberes que não sejam apenas sobre ou por mulheres, mas também de relevância para as mulheres e suas (nossas) lutas.

Coadunado a isso, são poucas as discussões na Ciência da Informação que observam o aspecto humano e social da maternidade, restringindo as análises ao aspecto técnico e operacional. Da mesma forma, as contribuições do feminismo raramente são trazidas para as discussões. Daí a relevância de trazer a agenda de minorias para o centro das discussões acadêmicas. Levantar essas questões é romper com uma epistemologia vigente, revogando a universalidade dos dispositivos e projetos cognitivos do arquétipo universal - consoante o qual são construídos os múltiplos saberes científicos. É um fluxo necessário de pensamento e ação na congruência de dilacerar as clausuras da teoria política moderna racista e patriarcal por revogar assistência política às pessoas consideradas inferiores de acordo com raça, gênero, sexualidade e afins (MIGNOLO, 2008).

Por fim, são raros os estudos sobre humanidades digitais que se relacionem com a maternidade e a Ciência da Informação concomitantemente. Em contrapartida, diversas áreas de conhecimento apontam a tendência aos estudos sobre a implicação da tecnologia na sociedade.

Considerados os aspectos acima mencionados, trazemos no capítulo seguinte a discussão teórica e contextualização do espaço onde ocorre o fenômeno: Práticas Informacionais e o canal HelMother, Humanidades Digitais e Feminismo e Interseccionalidade. Em seguida, no item três, a metodologia da pesquisa é exposta. O item quatro contém a análise dos dados, onde mostraremos os comentários e categorias emergidas e, por fim, no capítulo cinco, as considerações finais desse estudo.

2 DA PERSPECTIVA TEÓRICA AO ESPAÇO DE MANIFESTAÇÃO DO FENÔMENO

Apresenta-se neste espaço de escrita a contextualização do espaço onde ocorre o fenômeno e a discussão teórica, visando examinar a temática estudada. Portanto, serão analisados aspectos teóricos e conceituais que vão auxiliar na compreensão deste estudo: Práticas informacionais e o canal HelMother; Humanidades Digitais; e Feminismo e Interseccionalidade.

2.1 Práticas de compartilhamento e uso de informação: a maternidade no *Youtube*

Assim como em outros espaços, a web é marcada por constantes transformações e atualizações que implicam na forma como a sociedade se relaciona com a informação disponibilizada. Pimenta (2016), em relação à Humanidade Digital, afirma que a mesma é um

campo híbrido não apenas de estudo e pesquisa, mas de ensino e, principalmente de acesso à informação e inovação. É neste mesmo campo híbrido que se destacam os conteúdos informacionais produzidos e circulantes nos espaços web informacionais.

Essa perspectiva coaduna-se com as novidades trazidas pela web 2.0, que permitiram a amplificação de recursos que, entre outras funcionalidades, fornecem ferramentas para que haja um trânsito em que problemas sociais discutidos em diversos espaços sejam projetados em práticas informacionais.

É prudente trazer o conceito de práticas informacionais, de forma que se constitua como balizador das discussões do presente estudo. Para Savolainen (2007), as mesmas são um conceito “guarda-chuva” que serve para investigar e descrever fenômenos relacionados ao compartilhamento da informação, transcendendo a mera possibilidade de acesso a informações. Permitem identificar o conjunto de inter-relações entre os atores sociais, a partir de distintas perspectivas: a interlocução entre os usuários de tecnologias digitais, a conformação de sociabilidades advindas das ações efetivadas na rede, a convergência de saberes que se prestem a redimensionar e resistir diante das relações de poder.

Para Marteleto (1994), práticas informacionais são definidas como

mecanismos de apropriação, rejeição, elaboração de significados e valores, não numa sociedade sincrônica, que guarda uma relação direta e cumulativa com a tradição, mas naquela onde os sujeitos elaboram suas representações.

O conceito de prática informacional se constitui como parâmetro central ao que a investigação aqui realizada se propôs, uma vez que nos propomos a estudar os inter-relacionamentos entre o sujeito e a informação (ARAUJO, 2019) acerca da maternidade. É possível observarmos no YouTube a concretização desse fenômeno. Diversas pessoas se propõem a dar voz às minorias e levantam a discussão acerca de temáticas relevantes para a sociedade: homofobia, racismo, xenofobia, sexismo, gordofobia, doenças psíquicas e, cerne do nosso trabalho, a maternidade. Dessa forma, podemos observar a humanização da rede, tornando-se um lócus de discussão central à sociedade.

Sob a premissa de “maternidade sem caô”, o canal HelMother visa desmitificar o papel das mães com embasamento em discussões feministas. O processo é realizado através da publicação de vídeos em que a autora discute temáticas que tem ganhado cada vez mais espaço nos círculos de mães: *mom-shaming*⁷, dificuldades na gestação, romantização da maternidade e criação de crianças. Helen, a autora, visa desconstruir todas as concepções sobre a experiência de ser mãe sozinha e sobre os comportamentos esperados pelas outras pessoas.

Entre as práticas informacionais, o compartilhamento de informação se configura como alternativa de inconformidade em relação ao estereótipo submetido às mães, constituindo-se como um ato de revide e resistência:

“[...] as mulheres têm sido exímias na sua capacidade de ‘costurar’ diferentes estratégias de resistência, em espaços para si desconhecidos, mas em que elas penetram através duma construção diferente de espaço, através de uma diferente linguagem, maneira de vestir, de cuidar da sua família, através de redes que vão engendrando, e em que se verifica uma miscigenação de culturas.” (CASIMIRO, 2014)

⁷ Críticas ou constrangimentos a uma mãe por suas escolhas parentais.

Atentamos para o fato de que a pluralidade significativa de problemas sociais discutidos na rede implica variados processos de compartilhamento de informações. Concernente ao compartilhamento, é preciso destacar que o mesmo

“[...] não é um fenômeno específico [...] as ferramentas da Web 2.0 possibilitaram o compartilhamento de informação em larga escala pelos usuários da rede mundial de computadores e um dos espaços mais utilizados com esta finalidade são as comunidades virtuais presentes nos sites de redes sociais. Além de reunirem pessoas em torno de interesses em comuns, esses ambientes se prestam à busca, uso e compartilhamento da informação [...]” (CORRÊA, 2016).

Ademais, Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005) destacam que o compartilhamento de informações “requer a adoção de uma postura de cooperação, em que os atores utilizem múltiplos recursos, valorizando tanto o contato pessoal quanto o uso da tecnologia como ferramenta de comunicação.” Por isso torna-se essencial que a partir do viés adotado analisemos as manifestações expressas através de comentários, uma vez que reagir pode ser uma forma de concordar, refutar ou somente debater aquela informação.

Com a missão de “dar a todos uma voz e revelar o mundo” (YOUTUBE, 2019b), o YouTube hoje se consolida como o terceiro site mais acessado no mundo. O site, que hoje em dia está presente em 91 países, em 80 idiomas e possui mais de um bilhão de usuários (YOUTUBE, 2019a), foi adquirido pela marca Google em 2006 e, desde então, vem se colocando como uma potente ferramenta para compartilhamento e uso de informações.

A premissa da rede é a de acreditar que “todos têm o direito de expressar opiniões e que o mundo se torna melhor quando ouvimos, compartilhamos e nos unimos por meio das nossas histórias” (YOUTUBE, 2019b). A plataforma sedimenta-se em quatro pilares: **a) Liberdade de expressão** – as pessoas devem ser capazes de se expressar livremente, compartilhar opiniões, promover o diálogo aberto, propiciando o surgimento de novas vozes, formatos e possibilidades; **b) Direito à informação** – acesso livre e fácil às informações, através de vídeos que influenciem na educação, na construção do entendimento e na transmissão de informações sobre acontecimentos no mundo, sejam eles grandes ou pequenos; **c) Direito à oportunidade** – todos devem ter a oportunidade de serem descobertos,

montar um negócio e alcançar o sucesso de acordo com o próprio ponto de vista e que as pessoas comuns, não os influenciadores, decidem o que está em alta; **d) Liberdade para pertencer** – todos devem ser capazes de encontrar comunidades de suporte, eliminar obstáculos, ultrapassar as fronteiras e reunir-se em torno de interesses e paixões compartilhadas. (YOUTUBE, 2019b)

O fenômeno aqui estudado corresponde, portanto, aos princípios do site: centenas de pessoas se propõem a dar voz às minorias e levantam a discussão acerca de temáticas relevantes para a sociedade. A partir da disponibilização do vídeo, o canal HelMother, assim como todos canais, possibilita que haja a discussão entre as pessoas que usam aquela informação. Para tal, são utilizados essencialmente os comentários, envolvendo assim uma série de atos comunicacionais. No cotidiano a conversação pode ser entendida como um fenômeno que se constrói a partir da alternância de interações entre sujeitos que, por determinado espaço de tempo, compartilham um mesmo objetivo. Ela exige um nível de organização e cooperação entre os interlocutores, que por sua vez constroem o diálogo. De acordo com Recuero (2012, 2014), no diálogo tudo é informação, desde os aspectos gestuais, a escolha das palavras e até mesmo a falta delas, tudo é sujeito à interpretação.

A partir do processo de ocupação do online como ambiente de diálogo, essa dinâmica característica da conversação se conformou à rede, de modo que a partir dessa necessidade readequação passamos a utilizar formas de interação legítimas destes espaços: *emoticons*, *capslock*, *memes*.

No YouTube, entre as diversas ferramentas oferecidas na página de vídeo, estão as opção de “Marcar como gostei”, “Marcar como não gostei”, “Compartilhar” e “Adicionar comentário público”. Para usuários cadastrados na rede, há também a opção de comentar e responder a comentários, além de poder classificá-los por “Principais comentários” e “Últimos comentários”. É possível também fazer a inscrição no canal, o que gera uma notificação para o usuário sempre que há um novo vídeo postado. Os usuários cadastrados têm acesso à aba “Notificação”, onde são informados sobre os últimos vídeos postados nos canais em que é inscrito. Não podemos ignorar o fato de que

a plataforma dessa rede social é influenciada tanto pela

interação que o usuário estabelece com suas conexões [...] como pelo uso das ferramentas que a plataforma disponibiliza. (FREITAS, 2017)

Os vídeos em que o usuário indica a opção “Marcar como gostei”, além de serem listados no perfil pessoal do usuário, são formas de interação sem necessariamente conversação. Seu uso indica apoio a quem fala da mesma forma que “Marcar como não gostei” demonstra a discordância do usuário com aquela informação.

Em relação à opção “Compartilhar”, é um mecanismo para dar visibilidade ao que consideram relevante para aqueles com quem interagem, ampliando seu alcance (RECUERO, 2014). A opção de “Adicionar comentário público” é o ato de conversação mais importante no presente trabalho: é a contribuição efetiva daquele que tem algo a dizer sobre o que é proposto. Segundo Recuero (2014), “o comentário, portanto, parece envolver maior engajamento do ator com a conversação”.

Podemos depreender, a partir da exposição das características e funcionalidades, que as mídias de fato fornecem os recursos necessários para que haja uma organização e fortalecimento da luta das mulheres. Quem disponibiliza a informação, nesse caso o canal HelMother, estabelece uma relação de conexão entre redes, laços e atores (RECUERO, 2011) e informações que são de interesse de quem a usa, reunindo assim um grande grupo de pessoas que partilham de militâncias e pautas que lhes são importantes. No presente estudo, podemos inferir que o canal HelMother é responsável por dar voz a uma parcela de mulheres esquecidas e silenciadas, tornando-as então visíveis, representadas e ouvidas.

2.3 Humanidades digitais: desmitificando a maternidade

A expressão humanidades digitais abarca uma série de fenômenos decorrentes da sociedade informacional, cujas reflexões iniciaram na sociedade pós-industrial, onde supostamente vivemos uma “revolução técnico-científica, em que a ciência e a técnica se constituem em forças produtivas predominantes, a sociedade seria sustentada na informação e as ideologias seriam supérfluas” (KERBAUY, 2009). Somente na década de 1990 o termo é relacionado com a tecnologia e a internet. Quando sofreu a variação para Sociedade Informacional, o

termo passou a dizer respeito a um modelo de organização social sedimentado em redes de informação cujo sistema é dinâmico, em constante ampliação, suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio (CASTELLS, 2000).

Mais do que isso, caracteriza-se por ser um modelo onde “ [...] a geração, o processamento e a transmissão de informação se convertem nas fontes fundamentais da produtividade e do poder por conta das novas condições tecnológicas surgidas neste período histórico” - tirando do momento tecnológico atual o caráter central do conhecimento e da informação, mas a aplicação destes em aparatos de geração de conhecimento e processamento da informação/comunicação, em um círculo de retroalimentação acumulativa entre a inovação e seus usos (CASTELLS, 2000).

Contraditando a concepção de sociedade - estruturas sedimentadas em relações historicamente determinadas de produção, experiência e poder -, as novas formas de organização de grupos sociais que se proliferam no ciberespaço possuem alta capacidade de “penetrabilidade em todas as esferas da atividade humana” (CASTELLS, 2000), potencializando e acelerando ainda mais os processos de ruptura com os padrões impostos pela estrutura vigente. Os meios de comunicação se projetam como extensão do corpo humano e a comunicação mediada pelo computador passa a se incorporar nas práticas sociais (CASTANHEIRA; BRUMATTI, 2011).

A partir dessa mudança referente ao comportamento social em relação às tecnologias, cultura, política, arte e outras interseções com a internet (GUERREIRO; BORBINHA, 2014), podemos pensar em humanidades digitais, que aqui referem-se às mudanças transdisciplinares alcançadas entre as humanidades e a informática (MAYORGA; MACHADO, 2016, tradução nossa), um agente designador de uma ampla gama de práticas para criar, aplicar e interpretar novas tecnologias digitais e de informação (PRESNE; JOHANSON, 2009, tradução nossa).

Podendo ser dividida em duas ondas de trabalho, suas abordagens dizem respeito a vieses que podem ser adotados:

“[...] O primeiro, baseado em novas abordagens quantitativas para a compreensão das humanidades; e o segundo, sem dúvida uma abordagem mais qualitativa, revolucionária, na qual o digital está incorporado em nossas próprias

percepções das humanidades, fornecendo uma interpretação completamente nova e, portanto, o desenvolvimento de uma nova concepção teórica” (BERRY, 2011, tradução nossa)

Adotamos aqui o segundo viés, pois o cerne de nossa discussão estará nas mudanças que a informação mediada por recursos tecnológicos online ocasionam às pessoas. Corroboram Silveira e Guedes (2018), quando afirmam que as Humanidades Digitais também se referem aos

[...] efeitos que os recursos tecnológicos têm na vida das pessoas, em especial dos impactos que o digital gera nas relações sociais e nas áreas estudadas Ciências Humanas e Sociais, assim como no âmbito da Comunicação e da Ciência da Informação.

Caracterizado como interdisciplinar, colaborativa, global, atual, relevante e socialmente engajada, a Humanidade Digital é um campo de estudo responsável por unir diversas comunidades, pois considera novos conhecimentos (PRESNE; JOHANSON, 2009, tradução nossa). Ademais, a suposta popularização da internet não nos permite pensar a rede sem estabelecer uma relação com seu significado cultural na vida cotidiana. O processo inverso também é possível quando a pauta trata de mudanças comportamentais. É impossível não ter na vida cotidiana a intervenção do que é publicado na internet, pois a tecnologia interessa por que está ligada às práticas e ações das pessoas (SIEGEL, 2014). Sendo assim, qualquer pessoa com acesso a rede pode ter sua vivência compartilhada e validada por semelhantes.

Sua relação com a maternidade é aqui proposta devido nosso entendimento do uso da tecnologia e da web 2.0 como mecanismo de resistência à violência sofrida por minorias - nesse caso, particularmente, as mães. Se à medida que as mulheres conquistam a igualdade formal e material perante o homem, ocupando o espaço público, resultando no fortalecimento da projeção de mulher maternal, a internet permite ao menos questionar essa ordem social, contrapondo a noção patriarcal.

Na prática o patriarcado é observado quando, por exemplo, o cuidado com a casa e com os filhos é o entrave para conquistas que, quando obtidas, triplicam a jornada de mulheres. Insuflar a ideia de que as mulheres foram feitas para os filhos

e o lar, e que ninguém o faz com tanta maestria, é o trunfo do patriarcado, pois acrescido a isso temos uma sociedade que restringe a presença de crianças em espaços públicos e, consecutivamente, restringe a presença da responsável por aquela vida: a mãe. Semelhante a isso, o racismo patriarcal nos evidencia que para mulheres negras essa operação é diferente. Desumanizada e constantemente confundida como a babá, ainda hoje a mulher negra é concebida em um papel de servidão e submissão análogo ao papel das mucamas, aquelas escravas que ocupavam o âmbito doméstico e tinham como função cuidar de todo trabalho reprodutivo (Nogueira, 2017). Obstante a isso, o ciberespaço possibilita o debate acerca das pautas relevantes para mães, gerando

[...] um constante fluxo de trocas de informação e comunicação entre as pessoas e comunidades digitais. Cada vez mais as redes digitais, devido sua capacidade de disseminação viral de informações, estão sendo utilizadas como ferramentas de domínio por grupos organizados de poder que percebem a praticidade e eficiência na mobilização de grandes massas impossível em épocas pré-modernas. (WARD, 2018)

A praticidade e eficiência da mobilização são evidenciadas na blogosfera materna, que corresponde a uma rede de mães que através das mídias sociais encontrou espaço para criação de informação acerca da maternidade, acolhimento e reconhecimento na vivência de outras mães. Mais do que isso, a troca não se limita ao que é designado como preocupação da mulher em relação ao filho. O espaço é utilizado para conscientização política sobre a vivência da mulher.

Em redes sociais e plataformas como o YouTube, podemos verificar os diversos canais que se dispõem a discutir temáticas discutidas off-line que migraram e agora são identificados na rede, ampliando assim as possibilidades de manifestação de descontentamento com o papel social designado para as mães e mulheres. Castells (2013), ao afirmar que “o mundo real em nossa época é um mundo híbrido, não um mundo virtual nem um mundo segregado que separaria a conexão on-line da interação off-line”, nos permite inferir que, se no mundo off-line as mães sofrem com a reverberação da violência ocasionada pelo patriarcado, na internet existe a possibilidade de questionamento dessa condição.

2.2 A perspectiva teórica do Feminismo Negro e Interseccionalidade

O feminismo é um movimento que luta pela igualdade entre os gêneros no que tange diversos aspectos, como direitos políticos, sociais e econômicos, buscando a emancipação das mulheres, repensando e recriando as identidades de forma a não existir hierarquização (ALVES; PITANGUY, 1985).

Assim como em todos os movimentos sociais, há uma organização de demandas de grupos de pessoas conforme suas vivências e especificidades, impedindo de existir apenas um enfoque. Aqui adotaremos o feminismo negro devido a sua atuação tanto na esfera da discussão de gênero quanto na luta anti-racista, despontando por mulheres negras a luta interseccional que julgamos essencial para que seja de fato efetivada uma discussão sobre igualdade. O feminismo negro é, portanto uma vertente do movimento que considera os atravessamentos por questões étnico-raciais que, se não considerar raça, classe e outros tipos de opressão indissociáveis, que se combinam e entrecruzam, tornam impossível a luta contra a opressão visto que alimentam outras, reforçando a mesma estrutura a qual se opõe. (RIBEIRO, 2018).

De forma didática, a relevância do feminismo negro pode ser explicada da seguinte forma: mulheres negras são oprimidas tanto por serem mulheres quanto por serem negras. Se lutarmos pelos direitos e os interesses de mulheres, então precisamos lutar contra a opressão de pessoas negras, afinal são características indivisíveis nessa mulher. A mesma lógica pode ser usada para mulheres LGBTQ+, pobres, com deficiências físicas, neuroatípicas e demais características existentes.

O feminismo negro adota como perspectiva-instrumento-metodologia a Interseccionalidade, definido por Kimberlé Crenshaw (2002) como a

conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

É indiscutível, portanto, que gênero, classe e raça sejam fatores que consubstanciam as formulações, pautas e ações do feminismo (BUENO; BURIGO, 2019), uma vez que não há possibilidade de dissociarmos as estruturas opressoras que sedimentam a nossa sociedade, nem uma das outras e nem do feminismo. Corroborando Akotirene (2019), afirmando que a interseccionalidade refere-se a

inseparabilidade estrutural de racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado - produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.

Outrossim, a interseccionalidade impede que haja uma hierarquia ou lógica matemática comparativa entre opressões (AKOTIRENE, 2019), corroborando Collins (2019), que afirma não serem válidos

argumentos de competição entre os mais excluídos, as hierarquias entre eixos de opressão e violações consideradas menos preponderantes. Juntos, racismo, capitalismo e heteropatriarcado devem ser tratados pela interseccionalidade observando os contornos identitários da luta antirracista diaspórica [...]

Ressaltamos que não há distinção entre teoria feminista e o movimento feminista na prática, pois corroboramos com Collins (2019) quando afirma que

a teoria é a prática pessoal. Uma deve existir para interagir dialeticamente com a outra, em vez de serem dicotomias estéreis. A teoria ajuda na prática, e vice-versa. A relação entre política e representação é uma das mais importantes no que diz respeito à garantia de direitos para as mulheres, e é justamente por isso que é necessário rever e questionar quem são esses sujeitos que o feminismo estaria representando.

Portanto devemos ultrapassar o feminismo homogêneo, visto que a universalização de “mulheres”⁸ torna-se mais um mecanismo de segregação e alimento para as estruturas de poder. Esse é um processo fundamental para se

⁸ Universalização de mulheres refere-se a lidar com as questões de gênero como se “mulheres” fosse um grupo que possui as mesmas necessidades e contextos. De tal forma, atende-se somente às necessidades daquelas que são privilegiadas de alguma forma.

pensar outras possibilidades de existência para mulheres até então excluídas como sujeitos políticos (RIBEIRO, 2016). Não se interessando por diferenças identitárias, a interseccionalidade trata das desigualdades impostas pela matriz de opressão - racista, capitalista e cisheteropatriarcal - sendo essas três características modeladoras de experiências e subjetividades da colonização até os dias da colonialidade (AKOTIRENE, 2019).

A interseccionalidade é perpassada pela sororidade, uma vez que se baseia na alteridade e empatia (BUENO e BURIGO, 2019). Definindo-a como a união entre mulheres, dimensão ética, política e prática do feminismo,

a sororidade posta em prática permite que as mulheres possam colocar em evidência também o feminismo, porque esse se materializa a partir dessa vivência solidária entre as mulheres. Por isso, acaba potencializando a cultura feminista e enfrenta a dominação masculina, logo, da violência que ela gera. (SILVA, 2016)

Essa violência gerada no que tange a maternidade nos permite pensar no quanto o movimento feminista desde o século XIX trazia como pauta a função reprodutiva na intenção de questionar a violência presente na obrigatoriedade das mulheres em serem mães (PIMENTEL; VILELLA, 2012), trazendo a maternidade

ao responder porque constituímos um grupo diferente, colocando em destaque valores ligados a prática das mães - altruísmo, carinho, cuidado com os interesses do outro. A ênfase num aspecto compartilhado apenas em caráter biológico, como parte integral da identidade feminina, reforça noções patriarcais do que é tradicional ou naturalmente feminino, apenas atribuindo a estas características um valor superior aquelas geralmente associadas ao homem. (BAIROS, 1995)

A violência sofrida por mães, que escolhem e/ou aceitam a maternidade, não era discutida (SCAVONE, 2001). Da mesma maneira a invisibilização de mães negras – vistas como serviçais e subalternas às mulheres brancas – nunca esteve no cerne das discussões feministas. Bairos (1995) salienta o quanto a universalização das mulheres, inclusive sobre maternidade, acarreta uma aceitação acrítica sobre a dominação de raça, gênero, classe e sexualidade.

O presente trabalho, com autoria principal de uma mulher branca, não visa o esvaziamento do sentido político de Interseccionalidade. Apesar de ser mulher e sofrer as opressões de uma sociedade classista e cisheteropatriarcal, a autora se reconhece como privilegiada em um sistema onde a branquitude é o lugar mais alto de uma hierarquização racial. Aqui, o protagonismo será de mulheres negras e suas vivências não apenas de dor e opressão, mas como produtoras de conhecimentos e saberes. Mais do que um conceito, consideramos a interseccionalidade como uma luta histórica travada por mulheres negras, tornando-as assim o cerne intelectual da Interseccionalidade.

Feitas essas observações, apresentaremos a seguir as decisões metodológicas para a concretização do estudo.

3 METODOLOGIA

Toda pesquisa enquanto prática científica pode ser entendida como um processo cuidadosamente planejado, que tem como finalidade desenvolver novos conhecimentos acerca daquilo que inquieta (GIL, 2008; SEVERINO, 2007). Partimos do pressuposto de que o aspecto social da maternidade, assim com demais discussões sociais, são pouco exploradas na Ciência da Informação no sentido investigativo. Contrariando o cunho humanista da área e ignorando o momento político, histórico e social que vivemos no Brasil, nos propomos a desenvolver novos conhecimentos acerca dessas causas sem, no entanto, limitar-se aos resultados aplicados dessa pesquisa. Pode-se considerar, então, a pesquisa de natureza básica. (GIL, 2008; GERHARDT, SILVEIRA, 2009).

As análises serão interpretadas de forma qualitativa, tendo em vista que não nos preocuparemos apenas com representatividade numérica, mas também com o aprofundamento da compreensão de um grupo social (SILVEIRA, CÓRDOVA, 2009). Com relação à abordagem dos objetivos propostos, entende-se que este estudo apresenta um caráter exploratório-descritivo. De acordo com Gil (2008), essa é a finalidade das pesquisas exploratórias. Marconi e Lakatos (2003) contribuem para esse entendimento, ao afirmarem que estudos exploratório-descritivos combinados são “[...] aqueles que têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno”.

Como procedimento técnico para a coleta dos dados optou-se por uma pesquisa de campo, que conforme Gil (2008) se limita a estudar um único grupo ou comunidade, tendo como enfoque as interações estabelecidas entre seus membros. De acordo com Severino (2007), nas pesquisas de campo a coleta de dados é feita “nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem”, de modo que a observação se constitui sua principal técnica metodológica. Sendo assim, o Youtube é considerado como fonte para a coleta dos dados e o canal HelMother o campo de pesquisa.

Tendo em vista que o objeto de estudo é um fenômeno observável, construído a partir das manifestações realizadas pelos usuários da informação em formato de comentários, para a interpretação dos dados coletados optou-se pela técnica de análise de conteúdo de documento, sendo essa uma técnica que visa interpretar o teor das mensagens para além do seu texto, desvelando seus

significados implícitos (BARDIN, 2011; MORAES, 1999).

Para o levantamento das fontes bibliográficas que compõem a fundamentação teórica desta pesquisa foram realizadas consultas no catálogo do Sistema de Automação de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (SABI); no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Lume); na Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI); nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO); no Google Scholar; na Biblioteca Feminista; na Geledés - Instituto da Mulher Negra.

A coleta de dados se deu através do arquivamento em .pdf dos comentários realizados na amostra intencional analisada, sendo esse constituído pelo vídeo “Por que desromantizar a maternidade”. Justifica-se a escolha do mesmo devido ao grande número de comentários realizados – 1.177 – e a temática pertinente à estudada neste trabalho. De acordo com a descrição fornecida pela autora, Helen Ramos, o vídeo é “uma lição um pouco mais didática sobre o porquê fazer um canal como esse e da importância e responsabilidade da desromantização da maternidade. Spoiler: é pra nos liberar.”

O arquivamento foi realizado em 24 de agosto de 2019, no período entre 12h e 18h, valendo-se da ferramenta Imprimir – Salvar como PDF disponível no navegador Google Chrome. Em seguida cada comentário foi individualmente copiado para uma tabela no software Excel, visando organizar e facilitar a análise posterior.

O vídeo foi aberto no navegador Google Chrome. Após os comentários serem integralmente carregados, usamos o recurso de “Salvar página como” disponível na aba de “Configuração”. Selecionamos a opção .pdf para assegurar que não houve modificações, uma vez que o documento ficou off-line.

A organização dos comentários no software Excel permitiu a sistematização da análise. Os 1177 comentários foram elencados na ordem original e, de tal forma, nos possibilitou chegar a uma visualização das categorias existentes. O corpus foi constituído por 491 comentários, uma vez que optamos pelo fechamento amostral por saturação empírica, ou seja, julgamos que os últimos comentários não apresentavam informações suficientemente novas ou diferentes, de forma que não se justificava a ampliação do material empírico (POUPART, 2014). As categorias emergidas durante a pré-análise foram as seguintes:

Quadro 1 – Categorias emergidas na pré-análise

Categorias	Definição
Carreira e academia	Comentários acerca de diversos aspectos da carreira e da formação acadêmica que são influenciados pela maternidade.
Elogio	Comentários onde são efetivados elogios ao conteúdo do vídeo, agradecimento pelo compartilhamento das informações ou relatos de identificação com o que é apresentado no vídeo.
Privilégio paterno	Comentários acerca dos privilégios dos homens pais no que tange sua relação com os filhos e, conseqüentemente, influenciam a maternidade.
Maternidade compulsória	Comentários sobre a pressão social em mulheres para que tenham filhos.
Tratamento às mães	Comentários sobre as formas pejorativas como mães são tratadas, podendo envolver julgamento, xingamento, exclusão social.
Doenças psíquicas	Comentários sobre casos de doenças psíquicas que afetam mães em diversas fases da maternidade.
Feminismo	Comentários que relacionam a maternidade ao feminismo.
Papel social da mulher	Comentários acerca das funções pré-estabelecidas da mulher na sociedade.
Criação libertária	Comentários relativos às modificações na criação a partir da desromantização da maternidade.
Racismo	Comentários relativos à intersecção do racismo e maternidade.
Maternidade solo	Comentários realizados por ou sobre mulheres que, por escolha ou abandono, criam seus filhos sozinhas.
Machismo	Comentários que depreciam as informações compartilhadas ou a vlogueira.

LGBT+	Comentários relativos à maternidade LGBT+
Método contraceptivo	Comentários acerca da recusa a maternidade por via de métodos contraceptivos.
Aborto	Comentários sobre aborto.
Decisão da mulher	Comentários sobre a decisão da mulher em ser ou não ser mãe.
Rede de apoio	Comentários sobre o grupo de pessoas que convivem com a mãe e seus filhos e prestam apoio na criação e cuidados.
Estético	Comentários relacionados à aparência da vlogueira.
Indagação/confronto ao assunto debatido	Comentários que tencionam questionar ou refutar as informações compartilhadas.
Negação da maternidade	Comentários onde mulheres afirmam que não desejam a maternidade.
Aceitação da maternidade	Comentários onde mulheres afirmam que desejam a maternidade.
Filhos especiais	Comentários relativos à maternidade com filhos especiais.
Não mãe	Comentários realizados por mulheres que se identificam como não mães.
Mudança de percepção	Comentários que explicitam a mudança de percepção sobre a maternidade.
Violência	Comentários sobre violências vividas por mulheres mães.

A partir de então, as 26 categorias emergidas foram aprofundadas de acordo com o referencial teórico em busca de coincidências e divergências de ideias. Foram estabelecidas as seguintes operações: 03 exclusões, 01 divisão, 21 permanências e 03 inclusões. Esses números dizem respeito aos processos abaixo justificados:

Quadro 2 – Categorias após os processos de descrição analítica

Categoria	Processo	Justificativa
Carreira e Academia	Divisão	Justificada em razão de julgarmos coerente separar Carreira e Academia, uma vez que são atividades complementares, mas não dependentes uma da outra.
Carreira	Inclusão	Justificada em razão da divisão da categoria Carreira e Academia.
Academia	Inclusão	Justificada em razão da divisão da categoria Carreira e Academia.
Elogio	Redefinição	Justificada em razão de que os comentários categorizados como elogio, quando realizados por mulheres, caracterizavam, na verdade, identificação e reconhecimento. A redefinição determinou que somente se enquadrava na categoria comentários efetivados por homens.
Sororidade	Inclusão	Justificada a partir da redefinição da categoria Elogio. Categoriza-se em Sororidade todos os comentários realizados por mulheres que são identificados como elogio, identificação e/ou agradecimento.
Privilégio paterno	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Maternidade compulsória	Exclusão	Justifica-se devido à existência da categoria Papel social da mulher, que contempla a maternidade compulsória.
Tratamento às mães	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Doenças psíquicas	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Feminismo	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência

		mesmo após a nova análise.
Papel social da mulher	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Criação libertária	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Racismo	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Maternidade solo	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Machismo	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
LGBT+	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Método contraceptivo	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Aborto	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Decisão da mulher	Exclusão	Justifica-se devido ao fato de que a categoria é equivocada quando considerados os fatores que permeiam a Decisão da mulher e, portanto, são abrangidos em outras categorias.
Rede de apoio	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Estético	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Indagação/confronto ao assunto debatido no vídeo	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Negação da maternidade	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Aceitação da	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência

maternidade		mesmo após a nova análise.
Filhos especiais	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Não mãe	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Mudança de percepção	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.
Violência	Permanência	Justifica-se por ser coerente sua existência mesmo após a nova análise.

Por fim, os processos supraelencados resultaram em 25 categorias, sendo elas apresentadas no quadro abaixo.

Quadro 3 – Categorias após os processos

Categoria	Definição	Codificação	Relação com o vídeo
Carreira	Comentários acerca de diversos aspectos da carreira da mulher que são influenciados pela maternidade.	CAR	Informação explícita
Academia	Comentários acerca de diversos aspectos da formação acadêmica da mulher que são influenciados pela maternidade.	ACA	Informação explícita
Elogio	Comentários, efetivados por homens, elogiando o conteúdo do vídeo ou agradecendo pelo compartilhamento das informações.	ELO	Informação implícita
Sororidade	Comentários, efetivados por	SOR	Informação implícita

	mulheres, elogiando, agradecendo ou expressando identificar-se com o conteúdo do vídeo.		
Privilégio paterno	Comentários acerca dos privilégios dos homens pais no que tange sua relação com os filhos e, conseqüentemente, influenciam a maternidade.	PPT	Informação implícita
Tratamento às mães	Comentários sobre as formas pejorativas como mães são tratadas, podendo envolver julgamento, xingamento, exclusão social.	TRM	Informação explícita
Doenças psíquicas	Comentários sobre doenças psíquicas que afetam mães em diversas fases da maternidade.	PSC	Informação explícita
Feminismo	Comentários que relacionam a maternidade ao feminismo.	FEM	Informação explícita
Papel social da mulher	Comentários acerca das funções pré-estabelecidas da mulher na sociedade.	PSM	Informação explícita
Criação libertária	Comentários relativos às modificações na criação e educação de filhos a partir da desromantização da maternidade.	LIB	Informação explícita
Racismo	Comentários que explicitam a intersecção de racismo e maternidade.	RAC	Informação explícita
Maternidad	Comentários realizados por ou	MSL	Informação explícita

e solo	sobre mulheres que, por escolha ou abandono, criam seus filhos sozinhas.		
Machismo	Comentários que depreciam as informações compartilhadas ou a vlogueira com fundamento em uma perspectiva machista.	MAC	Informação explícita
LGBT+	Comentários relativos à maternidade para mulheres LGBT+	GLS	Informação explícita
Método contraceptivo	Comentários acerca da recusa a maternidade por via de métodos contraceptivos.	CNT	Informação explícita
Aborto	Comentários sobre aborto.	ABO	Informação explícita
Rede de apoio	Comentários sobre o grupo de pessoas que convivem com a mãe e seus filhos e prestam apoio na criação e cuidados.	RED	Informação explícita
Estético	Comentários relacionados à aparência da vlogueira.	EST	Informação explícita
Indagação/confronto ao assunto debatido no vídeo	Comentários que tencionam questionar ou refutar as informações compartilhadas.	IND	Informação explícita
Negação da maternidade	Comentários onde mulheres afirmam que não desejam a maternidade.	NEG	Informação explícita
Aceitação da maternidade	Comentários onde mulheres afirmam que desejam a maternidade.	ACE	Informação explícita

e			
Filhos especiais	Comentários relativos à maternidade com filhos especiais.	ESP	Informação explícita
Não mãe	Comentários realizados por mulheres que se identificam como não mães.	NMA	Informação explícita
Mudança de percepção	Comentários que explicitam a mudança de percepção acerca de temáticas tratadas.	MPE	Informação implícita
Violência	Comentários sobre violências físicas vividas por mulheres mães.	VLC	Informação explícita

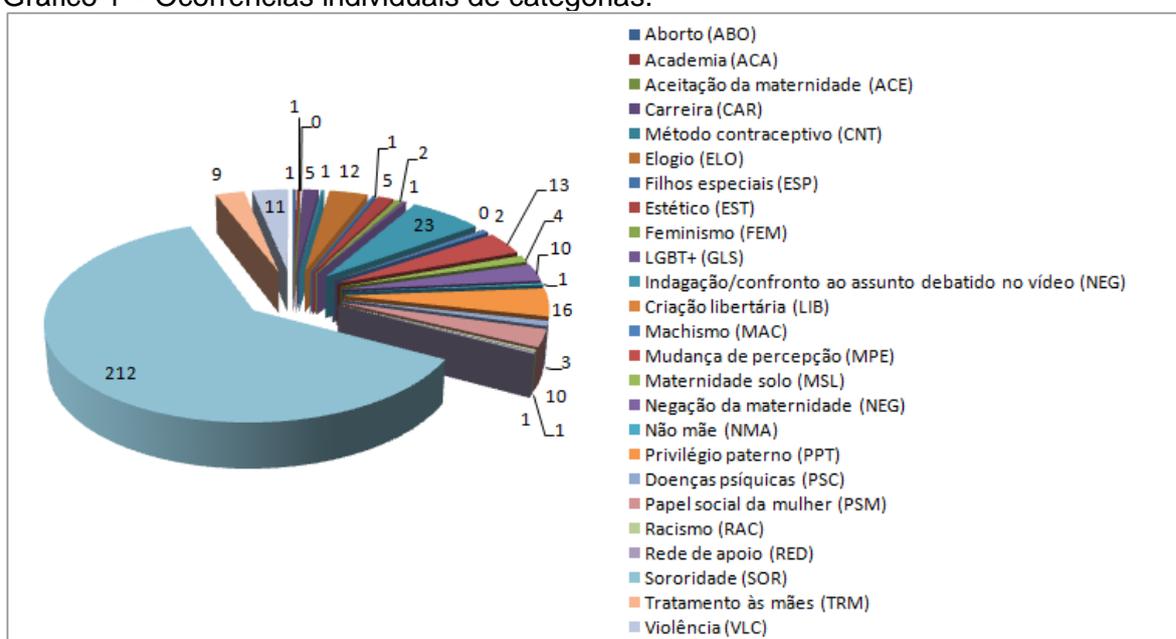
O capítulo seguinte apresentará de forma aprofundada a análise e a discussão dos dados obtidos após a categorização dos comentários.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Esta seção apresenta as categorias identificadas nos comentários realizados no vídeo “Por que desromantizar a maternidade?”, presente no canal HelMother.

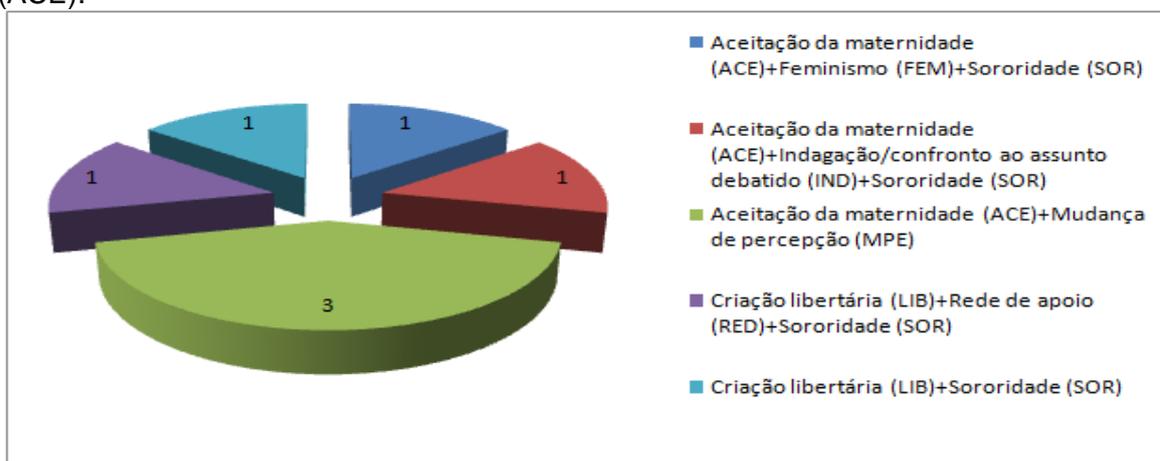
De forma individual, 23 categorias aparecem em discrepantes frequências, sendo “**Sororidade (SOR)**” a com maior frequência, 212 vezes. O termo trata, em sua definição, da união e aliança entre as mulheres, baseada na empatia e companheirismo (SOUZA, 2016). A categoria, por sua vez, refere-se aos comentários efetivados por mulheres, elogiando, agradecendo ou expressando identificar-se com o conteúdo do vídeo.

Gráfico 1 – Ocorrências individuais de categorias.



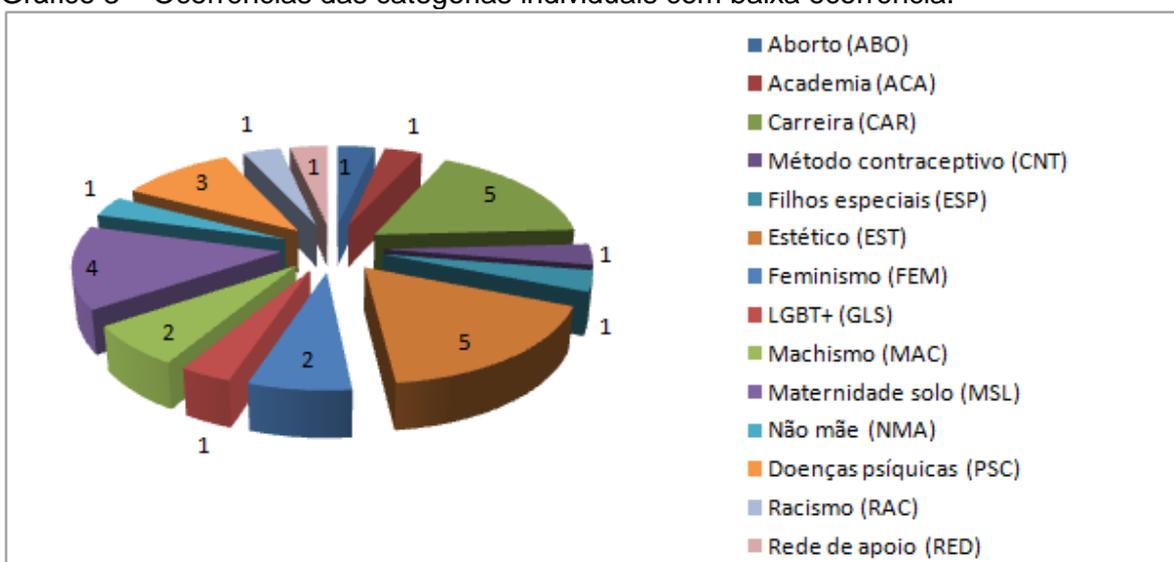
Criação libertária (LIB) e **Aceitação da maternidade (ACE)** ocorrem somente de forma combinada, não apresentando ocorrências.

Gráfico 2 – Ocorrências das categorias Criação libertária (LIB) e Aceitação da maternidade (ACE).



Outras 14 categoria emergidas não foram apresentadas em razão da baixa intensidade de manifestações entre os comentários.

Gráfico 3 – Ocorrências das categorias individuais com baixa ocorrência.



É necessário atentar para o fato de que a categoria “**Racismo (RAC)**”, que compreende os relatos explícitos da interseccionalidade entre gênero e raça na maternidade, apresentar apenas uma ocorrência individual. Quando combinada, todavia, a categoria une-se exclusivamente a “**Violência (VLC)**” em cinco ocorrências, nos permitindo inferir quão intrínsecas as formas de violência são uma à outra.

Em relação aos comentários realizados no vídeo que se caracterizam como “**Sororidade (SOR)**”, podemos inferir a importância do compartilhamento das informações para as mulheres que assistem ao vídeo e usam as informações, demonstrando que a prática de compartilhar essas informações gera mais do que a desromantização, mas caracteriza o canal como um espaço de acolhimento para mulheres.

“Que vídeo importante!! ❤️👍” (Comentário 285)

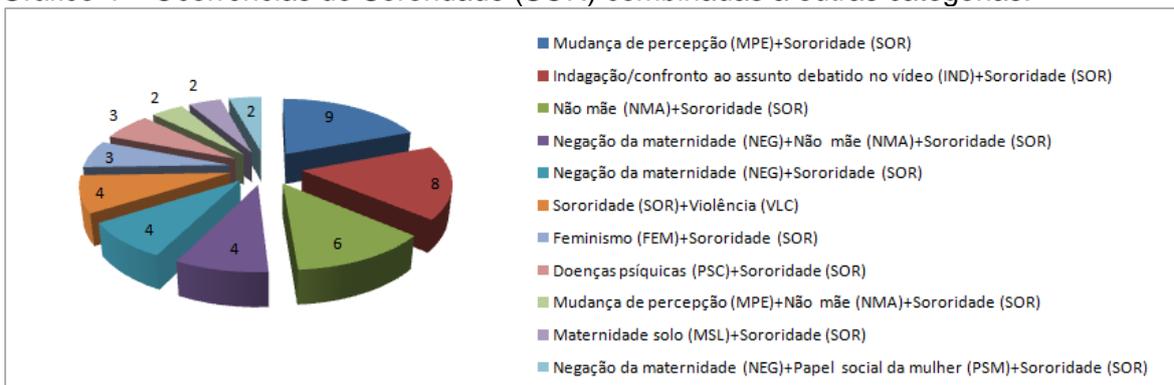
“Quando alguém consegue expor tanto o que a gente tá sentindo que faz a gente chorar.” (Comentário 426)

“Esse vídeo foi tão bom, mas tão bom. Que eu queria fazer um vídeo de 20 minutos pra falar sobre rrsrs. Mas não vai dar. Mas é bem isso aí que você falou e mais as experiências de cada uma.” (Comentário 409)

A sororidade surge como uma forma de subverter os mecanismos do patriarcado que asseguram sua perpetuação através da promoção da rivalidade e desavença entre mulheres. Esse processo sistemático, invisível e arraigado, enfraquece a luta das mulheres por outras mulheres (BENARDES et al, 2017), uma vez que tornam-se rivais em busca da atenção e aceitação por parte dos homens. A sororidade visa conscientizar criticamente as mulheres sobre as lutas travadas por todas elas contra a misoginia, tanto em um nível pessoal quanto coletivo, para destruir a mentalidade e a cultura misógina, enquanto transforma as relações de solidariedade entre as mulheres (RIOS, 2009). É, portanto, empoderar as mulheres, colocando as relações entre elas em evidência. A sororidade passa a ser uma prática feminista (GARCIA, 2015), a qual permite que, por exemplo, mulheres vejam-se reconhecidas na luta de outra, ou somente adotem causas por compreenderem o quanto isso impacta na vida de outras mulheres.

Combinada a outras categorias, “**Sororidade (SOR)**” aparece 69 vezes, sendo 49 vezes em combinações que se repetem e 20 vezes em combinações que ocorrem uma só vez.

Gráfico 4 – Ocorrências de Sororidade (SOR) combinadas a outras categorias.



Destaca-se que o maior número de ocorrências de Sororidade, quando combinada, é com “**Mudança de Percepção (MPE)**”.

Mulher, eu não pretendo ser mãe, nunca tive essa vontade, cheguei nesse canal por acaso quando uma amiga compartilhou um vídeo falando sobre mulheres que não querem ser mães. Achei tão bom, que resolvi ver mais. Aí vi aquele falando de birra. Foi aquele vídeo que me fez inscrever, porque pra mim sempre foi muito fácil julgar mães, nunca me atentei que eu podia me responsabilizar também. Tu me ensinou muita coisa que eu não queria aprender sobre maternidade, porque eu achava que por não querer ser mãe, eu não tinha nada a ver com isso. Já que tu tá aí justificando o canal, eu tô aqui fazendo coro e agradecendo, porque eu ainda tô aprendendo, tô caminhando junto com quem não tá na pele de mãe e precisa desses tapas na cara pra enxergar. ^^ (Comentário 114)

O comentário acima exposto nos permite inferir que o compartilhamento das informações é, nesse caso, um fator decisivo para a desromantização da maternidade e para o fortalecimento da união entre as mulheres.

Caramba Hel, você é maravilhosa demais! Não tenho palavras p/ quanto que teus vídeos me ajudaram a ver a maternidade e me livrar de preconceitos que eu nem sabia que tinha. (Comentário 120)

É nítido que o uso das informações ali age como uma forma de reflexão acerca de si e da vivência de outras mulheres, desenvolvendo, de tal forma, a sororidade.

Em relação à segunda combinação com maior ocorrência, 4,

“Indagação/confronto ao assunto debatido no vídeo (NEG)+Sororidade (SOR)”, é possível depreender que a prática da sororidade está presente mesmo com a discordância em relação aos assuntos debatidos, demonstrando que o princípio de irmandade e apoio de uma mulher às outras se sobressai.

perfeito! eu não concordo com o aborto mas só falou verdades por mais vídeos assim parabéns. (Comentário 430)

Ai Hel, você é maravilhosa! Que vídeo incrível!! Mas só uma correção: a episiotomia tem algumas indicações sim, como por exemplo, para gestantes que tem problemas cardíacos e não podem fazer muito esforço por muito tempo durante o trabalho de parto. Então ela não é 100% desnecessária, mas NA MAIORIA das vezes ela é feita sem indicação mesmo. Adoro seu trabalho! <3 (Comentário 85)

As demais ocorrências de combinações de **“Sororidade (SOR)”**, com frequência entre 6 e 2, demonstram que a sororidade é fortalecida ao ser associada com outros sentimentos e vivências.

Não sou mãe, mas tudo que eu posso dizer é: estamos com vcs mães, mulheres. Vocês merecem nosso apoio, respeito e sororidade! Hel você está de parabéns. Amo seus vídeos. Obrigada por existir mulheres brasileiras como você, para despertar essa força nas mulheres que ainda não conhecem. Beijo, força e luz (Comentário 177, combinação de NMA+SOR)

Não via o porquê assistir o seu canal pois, não sou mãe. Mas, vendo esse vídeo eu só suspirei e doeu muito e quase cheguei a chorar. Parabéns de verdade por esse vídeo, pelo seu diálogo aberto e direto. Eu escolhi não ser mãe e chego a pensar que escolhi isso porque, já sabia lá no fundo, não consciente, de várias coisas que você falou. Verei mais seus vídeos e compartilharei. Beijinhos (Comentário 146, combinação de NEG+NMA+SOR)

Chorei tanto vendo esse vídeo. Não tenho nem palavras pra expressar o q to sentindo agora em relação à esse vídeo. Senti e sinto tudo isso TODO SANTO DIA. EU ODEIO A MATERNIDADE OPRESSORA! (Comentário 161, combinação de NEG+SOR)

Eu tive que parar o vídeo na hora que mencionou o parto, pq

lembrei do meu. foi horrível naoda pra lembrar sem chorar. obrigadahellmother, por explanar ao mundo o lado real da história! ♥ (Comentário 437, combinação de SOR+VLC)

Como sempre me identifiquei muito com seu vídeo! Feminismo surgiu como objeto de estudo e de defesa pra mim com a maternidade! (Comentário 55, combinação de FEM+SOR)

Ai moça chorei! tava arrumando as roupas das crianças to exausta. obs. sou casada (Comentário 201, combinação de PSC+SOR)

hel, tu é mt maravilhosa. eu não tenho filhos, nem sei se quero tê-los, mas o jeito como você aborda a maternidade desromantizada faz com que a gente pese todos os fatores (da gravidez até a criação do filho) na hors de escolher. Ta fazendo um puta serviço pra nossa sociedade. obrigada mesmo :) mt amor para você s2 (Comentário 170, combinação de MPE+NMA+SOR)

Eu amo você mulher! Eu acompanho seu canal a meses e a duas semanas descobri que estou grávida de um mês e serei mãe solo/solteira e não está sendo fácil, muito pelo contrário, minha cabeça está a milhão por segundo e você me dá forças. (Comentário 128, combinação de MSL+SOR)

Outra categoria com expressivo número de ocorrências individuais, 23, é **“Indagação/confronto ao assunto debatido no vídeo (NEG)”**, que se caracteriza por comentários que tencionam questionar ou refutar as informações compartilhadas. Nos comentários analisados é possível apreender que a temática com maior discordância é o aborto. Contraditório à sororidade, onde parte-se de uma perspectiva coletiva, os comentários analisados mais do que discordam sobre abortar, mas recriminam quem realiza. Partindo de uma lógica feminista, é necessário compreender que realizar o aborto não é obrigatório, mas uma opção para mulheres que queiram fazê-lo.

Estava concordando em tudo que você disse até o ponto da conversa onde você apoiou o aborto... existem muitaas formas de prevenir uma gravides. Se não se protegeram devem saber qe podiam engravidar e se engravidou tem que assumir a responsabilidade de uma vida! Ninguém tem o direito de tirar uma vida. (Comentário 59)

Os diversos aspectos utilizados para argumentar a criminalização – responsabilidade, direito a vida, prevenção – mostram-se falhos e servem somente para velar o machismo latente: mulheres não têm direito a uma vida sexual e, quando revezes a isso, são punidas.

Aborto não é solução! É crueldade com quem não tem culpa de nada! (Comentário 77)

Os comentários, nesse caso, contrapõem a concepção feminista acerca do aborto, desconsiderando as diversas causas que levam a uma gravidez indesejada. De tal forma, a criminalização é mais um dos mecanismos de controle de mulheres e seus corpos (FERRAZZA; PERES, 2016).

Essa percepção comprometida enfraquece a luta das mulheres em relação ao aborto, uma vez que as próprias mulheres relativizam uma causa que impacta penosamente outras mulheres. De acordo com Goes (2019), o aborto clandestino acentua os índices de complicações após um abortomal-sucedido, resultando em mortes e internações hospitalares. Dados do Sistema de Morbidade Hospitalar do Ministério da Saúde revelam que no ano de 2016 houve 195.860 internações por conseqüências do aborto e 62,4% dos casos eram mulheres negras. São, novamente, as mulheres negras as mais prejudicadas. Goes (2019) demonstra também que as mulheres negras relatam mais que o dobro de receio e procurar serviço médico quando comparado com mulheres brancas, justificado pelo histórico negativo das experiências de violências institucionais revertidas em racismo institucional nos serviços de saúde. Além disso, elas quem são efetivamente objeto da punição ou da perseguição penal quando as denúncias são realizadas pelo sistema de saúde (MULHERES, 2018b).

Outra temática indagada ou confrontada é a rede de apoio, que designa o conjunto de pessoas que apóiam e auxiliam uma mãe não somente de forma material ou logística, mas ouvindo o que ela tem a dizer.

Eu ando com uma grande dúvida que venho me questionando sobre esse assunto. O filho é obrigação dos avós criarem também? Eu vejo tantos avós com dificuldade física criando netos completamente agitados por estarem na idade. Percebo o estado físico, o cansaço, a obrigação por não ter

aonde deixar e realmente é uma atitude muito nobre, mas me questiono, será se isso está certo? esta é a solução????? Ou não entendi o contexto do papel da família na criação de um filho (Comentário 61)

É possível perceber que não há esclarecimento sobre a participação da família na maternidade, uma vez que é recorrente a confusão sobre a rede de apoio não implicar uma terceirização dos cuidados parentais, e sim em apoio emocional à mãe.

A categoria “**Privilégio paterno (PPT)**” possui 16 ocorrências que abrangem comentários acerca dos privilégios dos homens pais no que tange sua relação com os filhos e, conseqüentemente, influenciam na maternidade cishetero de modo prejudicial.

quando saio e deixo minha filha de 4 anos com o pai, as pessoas me dizem: "e ele fica? dê graças a Deus que ele te AJUDA" e eu fico tipo oiiii?? Ajuda? tá mais pra obrigação monamour!! eu hein... (Comentário 187)

O feminismo se definiu pela construção de uma crítica que vincula a submissão da mulher na esfera doméstica à sua exclusão da esfera pública. O privilégio paterno é a materialização perfeita dessa dicotomia presente na luta das mulheres (LAMOUREUX, 2009). Enquanto a maternidade é vista como entrave ou é forjada de estigmatizações, a paternidade provoca o movimento oposto: os homens, ao tornarem-se pais, ascendem, visto que no imaginário ele precisará se dedicar ainda mais, afinal ele agora terá mais gastos com a família, sendo assim é merecedor de uma promoção e crescimento profissional. Os comentários abaixo pautam os mecanismos criados para manter as mulheres na esfera privada e suas conseqüências nos homens:

Empresas e política... Sabe o pior Hel? É que homem acha q foi mérito dele. Homem batalhou, estudou, investiu, mulher não. (Comentário 185)

Licença paternidade de 20 dias? isso é luxo! Meu marido teve 5, porque afinal a vida do pai não muda tanto assim né? (Comentário 180)

De forma combinada, a categoria ocorre sete vezes com uma única repetição na já citada categoria “Sororidade (SOR)”.

Parabéns □□□□ nunca tinha assistido um vídeo deste tipo porém adorei, e SIM vou procurar saber mais! Tenho 23 anos e sou mãe da Alice de 3 anos. logo após o nascimento dela eu vi o que era ser mãe de verdade, olhar para o lado e não ter ninguém para ajudar. no pós parto ter que ir sozinha levar ela para realizar os exames, isso descendo escadas enormes com a barriga cheia de ponto e uma cinta me apertando. Até hoje não Tenho ajuda espontânea, tenho que pagar para me ajudarem (alguém desconhecido) , porque nem meu marido me ajuda. □□□ obg pelo vídeo □□□□ (Comentário 434)

O comentário exemplifica de forma clara o quanto os homens são isentos de cuidados com os filhos desde a concepção, sendo responsabilidade exclusiva da mulher. Em uma configuração familiar cishetero, Tronto (1995) traz a divisão entre o que seria o “cuidar de” versus o “cuidar com”, essencialmente relacionada a uma divisão entre gêneros. “Cuidar de” é relacionado a quem exerce os cuidados vitais diários – a mãe. Quem auxilia nesse processo (podendo ser somente financeiramente, inclusive), mas não possui a obrigação de fazê-lo, “cuida com” – o pai. Essa divisão é fundamentada em diversos argumentos, mas essencialmente em uma perspectiva que domestica mulheres. O que é relacionado ao lar, ao afeto, ao cuidado e a docilidade é encargo da mulher. Os homens, por sua vez, são feitos para o que é rígido e sóbrio. Um homem cuidar do filho, atividade tão naturalizada para mulheres, vira um ato de benevolência e a masculinidade, portanto, torna-se capaz de enobrecer qualquer atividade. (BOURDIEU, 1999)

“**Mudança de percepção (MPE)**” é a próxima categoria com maior frequência, 12 comentários. Podendo ser ou não relacionada às informações compartilhadas no vídeo, a categoria é composta pelos comentários em que explicitamente os usuários relatam mudanças de percepção acerca das mesmas temáticas tratadas no vídeo.

Quando não está associada ao vídeo, os comentários versam exclusivamente sobre uma mudança associada a um conhecimento empírico: vivência e observação.

Um dia, meus pais conversando minha mãe disse "na próxima

vida eu vou ser o pai e você a mãe." Foi quando percebi o quão real é tudo isso que você disse. (Comentário 96)

Um exemplo de mudança relacionada ao vídeo são os comentários abaixo, que reforçam o quanto a blogosfera materna é a responsável por disseminar uma nova perspectiva de maternidade.

Como faz pra dar mais de 1 like ? esse video abriu MUITO minha mente pra esse assunto, brigada! (Comentário 98)

MEU DEUS QUE VIDEO ABRIDOR DE OLHOS" (Comentário 105)

Quanta lição em um vídeo só, super didático. Aprendi muito. (Comentário 99)

"Elogio (ELO)", que possui 12 ocorrências, diz respeito aos comentários feitos por homens que visam elogiar ou agradecer pelas informações.

Máximo respeitooooooooo (Comentário 38)

Recomendo seus videos pra todas as minhas amigas (mães ou não) e esse é a trompeta que chama as topas! Parabéns, moça, pelo trabalho, pela luta (Comentário 27)

De tal forma, é possível verificarmos a participação de homens em uma discussão que questiona o privilégio dos próprios. De acordo com Djamila Ribeiro, homens precisam discutir masculinidades. É interessante que entendam essa masculinidade construída na agressividade, essa masculinidade tóxica que não pode ouvir não (PELLEGRINO; RIBEIRO; BORGES, 2018). Mais do que isso, precisam ouvir mulheres e entender seu lugar de fala no movimento: como eu, homem cishetero, participo na criação dos meus filhos? Quais estruturas reproduzo induzindo meus filhos a seguirem determinadas normas sociais? Quais papéis sociais imponho à mãe dos meus filhos? Ao perceber meus amigos homens fazendo uso dos seus privilégios de pai em detrimento da mãe, como eu me posiciono?

Essa participação é um processo essencial para a efetivação do feminismo, pois o movimento apesar de ser protagonizado por mulheres atinge a todas as

pessoas – incluindo homens.

“**Violência (VLC)**”, com 11 ocorrências, diz respeito a relatos de violência obstétrica e sexual sofridas por mães. É necessário pontuar que as ocorrências sem combinações são exclusivamente sobre violência obstétrica.

Aconteceu comigo isso, na rede pública. Usaram fórceps, tive o corte, não pude ter ninguém junto a mim durante o parto, as enfermeiras me falavam: cala a boca, vc quer matar tua filha?? não fez, então aguenta!! Depois, tive hemorragia, quase morri a noite depois do parto... enfim, isso acontece com mto mais frequência do q se imagina!! (Comentário 450)

Sofri violência obstétrica no meu parto. Levei 30 pontos na minha Episio e ainda tive que aguentar a sutura sem anestesia (Comentário 456)

Lima (2019) define a violência obstétrica como um termo cunhado por ativistas feministas, que expressa um tipo específico de violência imposto às mulheres no âmbito da assistência à gestação e ao parto. O Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência Contra as Mulheres do Senado Federal, realizado no Brasil em 2013, caracterizou a materialização dessa violência como

negligência, violência verbal, (grosserias, ameaças e humilhações intencionais), violência, física (incluindo a não utilização de analgesia quando, necessário e a realização de cirurgias desnecessárias e indesejadas), além do abuso sexual. (SENADO, 2013)

A legislação Venezuelana, pioneira na América Latina a contemplar esse tipo de violência, define-a como

a apropriação do corpo e dos processos reprodutivos das mulheres por profissional de saúde que se expresse por meio de relações desumanizadoras, de abuso de medicalização e de patologização dos processos naturais, resultando em perda de autonomia e capacidade de decidir livremente sobre seu corpo e sexualidade, impactando negativamente na qualidade de vida das mulheres (Tesser et al, 2015).

Lima (2019) reforça que a luta feminista em relação à violência obstétrica é

por trazer a mulher como protagonista do parto, desafiando assim o poder instituído expresso no saber/fazer estritamente profissional, sendo esse um fruto da medicalização social, ao mesmo tempo em que é trazido a tona a reprodução de desigualdades de gênero, raça e classe no processo de medicalização do parto.

Demais combinações com “**Violência (VLC)**” – “**Sororidade (SOR)**” e “**Tratamento às mães (TRM)**” – incidem quatro e duas vezes respectivamente, como pode ser apresentado abaixo.

Gráfico 5 – Ocorrências de Violência (VLC) combinadas a outras categorias.



Destaca-se que quando combinada a “**Racismo (RAC)**”, é explícito o recorte racial na violência obstétrica.

olá Helen, sou negra tive um parto prematuro de urgência Cesariana, e começaram a me contar antes da anestesia fazer efeito, eu tenho a recordação do corte e eu falando com o médico e com a anestesista quando já estava começando a cirurgia, e ainda fui demitida logo que minha filha teve alta do hospital onde ficou por 4 meses, veja bem que tive todo o tratamento na rede particular e minha obstetra quando foi chamada estava passando o final de semana em Angra e nunca mais apareceu ou procurou saber afinal minha gravidez era o trabalho dela tb, afinal pagava pra isso. (Comentário 215)

O comentário é a materialização de um imaginário trazido no vídeo sobre mulheres negras possuírem maior resistência a dor – imaginário esse oriundo do período de escravidão. A desumanização de pessoas negras se converte em uma prática do serviço de saúde que naturaliza a violação de direitos humanos

(MULHERES, 2018a). Essa perspectiva coaduna-se a Prather et al (2016) quando afirma que

para as mulheres negras o racismo e seus mecanismos se expressam nas relações interpessoais e afetivas, mas também interferem nas práticas de saúde. As mulheres afro-estadunidense referem, de forma semelhante às mulheres negras brasileiras, como o racismo prejudica a saúde reprodutiva, atuando com um mediador dos comportamentos individuais, das relações interpessoais e do acesso aos serviços (PRATHER et al., 2016, tradução nossa).

As duas últimas categorias apresentadas, “**Negação da maternidade (NEG)**” e “**Papel social da mulher (PSM)**”, apresentam 10 ocorrências cada. A primeira refere-se a comentários onde mulheres afirmam que não desejam a maternidade, sejam elas mães ou não.

Entre as não mães, os quatro comentários reforçando a perspectiva de não ter o desejo de ser mãe. Todavia, destacam-se os seis comentários onde mulheres afirmam serem mães e, ainda assim, relativizam e negam o papel atribuído.

Eu amo ser a Mãe do meu Filho Miguel... Eu odeio à maternidade. (Comentário 140)

Esse conflito de sentimentos, chamado de ambivalência materna é trazida por Winnicott (2000) como inerente a maternidade, uma vez que a partir do nascimento a mulher é responsável pela sobrevivência de uma criança, pela própria e, principalmente por costurar a identidade de mãe à identidade anterior. É, definitivamente, um período de desgaste emocional, uma vez que

romper com o modelo materno ideal imposto pela cultura vigente, no qual a maternidade é retratada como uma ficção que exclui a possibilidade da coexistência de sentimentos ambivalentes na relação da mãe com o bebê, pode ser devastador/desintegrador para a mãe. Tal acontecimento interromperia a sua própria continuidade de ser e tornaria impossível a emergência e/ou manutenção da preocupação materna primária. Poderia, ainda, interromper o vaivém inicial que deveria se dar entre a sensação de estranheza e a constatação da semelhança entre os pais e o bebê sobre a qual também se funda a alteridade da criança. (TRAVASSOS-RODRIGUEZ; FERES-CARNEIRO, 2013)

Essa idéia é negada, sobretudo, por contrapor a romantização da maternidade – até então abdicadora, amorosa e totalmente entregue ao filho.

O direito de se frustrar foi banido, assim como sentimentos hostis que mães possam ter em relação ao filho ou a maternidade de forma que ser mãe seja algo “natural” e instintivo, relegando as dificuldades maternas ao plano das mulheres “desnaturadas” (AZEVEDO; ARRAIS, 2005).

O amor e ódio são indissociáveis, sendo impossível pensar na vertente amorosa sem levar em conta a sua contrapartida e todo o dualismo pulsional (FREUD, 1997). Logo, o fenômeno é natural e resultado das diferentes necessidades de mulheres para se adaptarem à maternidade.

De acordo com Parker (1995) a ambivalência é capaz de promover mudanças no maternar, uma vez que as mães são forçadas a refletirem sobre as questões que a perpassam e, a partir de então, encontrar soluções que conduzam a uma maternidade mais ajustada às reais necessidades. Essa interpretação positiva do fenômeno é afetada pela culpa gerada pelo patriarcado, que impede as mulheres de verem o quão salutar é que repensemos a lógica da maternidade.

Por fim, Campos (2019) traz quatro conclusões a respeito da ambivalência que são pertinentes à nossa discussão.

1. A maneira com a qual a mãe lida com sua ambivalência é uma medida de sua capacidade de reconhecer seu filho como outro.
2. É também uma medida de sua capacidade de assumir a responsabilidade por todos os sentimentos e idéias que surgem em seu interior.
3. A forma com a qual a mãe lida com a ambivalência também é uma medida da sua capacidade de transformar parte de sua agressividade em funções sociais, como reparo.
4. **A mãe suficientemente boa é ambivalente.** (CAMPOS, 2019, tradução nossa, grifo nosso)

Esses quatro tópicos, destacando-se o último, reafirmam que apesar da culpa incutida pelo patriarcado a ambivalência é um fenômeno natural e benéfico, tanto para mães quanto para filhos.

A segunda categoria, “**Papel social da mulher (PSM)**”, abrange comentários acerca das funções pré-estabelecidas da mulher na sociedade:

esposa, mãe, bela, recata e demais papéis pré-determinadas a uma mulher branca desde o nascimento. Todos esses papéis foram construídos de forma a assegurar a dominação masculina e, portanto, a subordinação da mulher ao homem.

E até se você é casada e diz que não quer engravidar, o mundo vira pra você e diz que você TEM que engravidar. (Comentário 208)

Eu escuto muitas reclamações no sentido de desabafo..... e muitos " Eu me arrependo de ter me casado/ casado cedo "... Como somos desde pequenos ensinados a arrumar logo um par... o povo se ferra formando um família fora de hora... Um efeito cascata de todo um ensinamento errado.. (Comentário 210)

Tenho 16 anos e ouço comentários do tipo "quando vc for mãe..", "ah eu quero neto sim, não interessa", "quando vc crescer vc vai sentir a vontade de ser mãe" "relógio biológico", "instinto materno"... acho engraçado que, quando meus primos pequenos ficam comigo e com o meu irmão, eu TENHO que cozinhar pq se eu não fizer os meninos morrem de fome, pra me dizerem que é instinto materno. É foda ouvir esse tipo de coisa quando eu só quero ficar na minha e viver a minha vida, se um dia eu engravidar eu vou dar o meu melhor pq eu sou HUMANA, não pq eu nasci pra fazer isso pq sinceramente eu odeio ser mulher. Obs: tenho 16 e meu irmão 19 (comentário 204)

Apesar disso, o “papel social dado à mulher negra, que não se encaixa no padrão da mulata, está restrito à servidão, isto é, são essas mulheres que serão classificadas como a grande “mãe preta”, aquela que a todos acolhe [...]”, a trabalhadora braçal, enquanto para a mulata “caberia o papel de “um ser-corpo sexualizado pronto para satisfazer os desejos sexuais de outros” (MOREIRA, 2007).

O direito a uma imagem positiva tem sido uma das linhas de batalha do feminismo negro desde seu início (LIMA, 2019), devido ao fato de que, conforme Carneiro (2003), a imagem ou representação estereotipada é como uma forma de violência comparada à doméstica e sexual, que causa prejuízos psicológicos, emocionais, afetivos e sexuais que reverberam em diversos aspectos da vivência, incluindo a maternidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, nos propusemos a observar a percepção sobre a maternidade dos usuários das informações compartilhadas no vídeo “Por que desromantizar a maternidade?”, do canal HelMother. O trabalho nos permitiu depreender que o compartilhamento das informações se constitui em mais do que uma forma de desromantização, mas acaba por se tornar também em um espaço de acolhimento para mães, que se reconhecem nas informações compartilhadas ali.

O percurso teve a pretensão de aproximar humanidades digitais, o compartilhamento de informações e, em relação às categorias obtidas, relacioná-las a discussão feminista negra. Partimos de uma abordagem qualitativa, realizando análise de conteúdo (BARDIN, 2011) de 491 comentários, amostra a qual foi definida por saturação empírica (POUPART, 2014). De tal ação, 25 categorias emergiram, sendo preponderantemente “Sororidade (SOR)” a categoria com maior número de ocorrências, tanto individualmente quanto combinada.

De tal forma, obtivemos combinações de categorias que nos permitiram verificar o compartilhamento das informações como uma forma de, principalmente, fortalecer o sentimento de sororidade. Esse resultado aponta para o fato de que os sentimentos de irmandade e empatia entre mulheres prevalecem até mesmo quando outros fatores/sentimentos estão envolvidos. Mais do que isso, tais resultados corroboram com nossa discussão teórica: o compartilhamento das informações no canal possibilita que as vivências e demandas das mães sejam ouvidas.

Ademais, a aproximação entre as práticas informacionais de compartilhamento de informações no YouTube por parte da autora deste estudo foi determinante para que houvesse uma melhor compreensão do fenômeno, atentando para validações interpretativas, considerando sociabilidades que se articulam a partir de neologismos e termos específicos da blogosfera materna.

Por fim, sugerimos que mais estudos acerca da maternidade e do feminismo negro sejam desenvolvidos. Ambas temáticas apresentam grande relevância social e transpassam diversos fenômenos informacionais, todavia não apresentam uma discussão exaustiva na Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, B. M, PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

ARAÚJO, C. A. Á.; DUARTE, A. B. S.; DUMONT, L. M. M. As perspectivas de estudos sobre os sujeitos no PPGCI/UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 24, p. 85-101, mar. 2019. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/3895/2230>. Acesso em: 26 nov. 2019.

AZEVEDO, K. R.; ARRAIS, A. R. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 nov. 2019.

BAIROS, L. A mulher negra: reforço da subordinação. In:LOVELL, P. **Desigualdade racial no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 1991.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENARDES, C. R. O. et al. **O que é sororidade e por que precisamos falar sobre?** Disponível em: <http://www.justificando.com/2016/06/02/o-que-e-sororidade-e-por-que-precisamos-falar-sobre/>. Acesso em: 26 nov. 2019

BERRY, D. The computational turn: thinking about the digital humanities. **Culturemachine**, [s.l.], v. 12, 2011. Disponível em: https://sro.sussex.ac.uk/id/eprint/49813/1/BERRY_2011-THE_COMPUTATIONAL_TURN-_THINKING_ABOUT_THE_DIGITAL_HUMANITIES.pdf. Acesso em: 26 nov. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUENO, W. BURIGO, J. Possibilidades e limites da utilização do Facebook como uma ferramenta de construção de diálogos e saberes entre mulheres. **Interfaces Científicas-Humanas e Sociais**, v. 7, n. 3, p. 81-92, 2019. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/4890>. Acesso em: 26 nov. 2019.

CAMPOS, P. Consideraciones psicoanalíticas en torno de La ambivalencia materna. **Clínica e Investigación Relacional**, v. 13, 2019. Disponível em: <https://www.psicoterapiarelacional.es/CeIRREVISTA-On-line/CeIR-Buscador-Valore-y-comente-los-trabajos-publicados/ID/747/CONSIDERACOES-PSICANALITICAS-EM-TORNO-DA-AMBIVALENCIA-MATERNA-Paula-Campos>. Acesso em: 26 nov. 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra: São Paulo, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008. Acesso em: 26 nov. 2019.

CASIMIRO, I. M. **Paz na terra, guerra em casa**: feminismos e organizações de mulheres em Moçambique. Pernambuco: UFPE, 2014.

CASTANHEIRA, K. N. L.; BRUMATTI, V.P. Sociedade Informacional: a representação do sujeito nas redes sociais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 14, 2011, Recife. **Anais [...]** Recife: Unicap, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/r6-0500-1.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2019.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORRÊA, M. de V.; ROZADOS, H. B. F. Comportamento informacional em comunidades virtuais: um estudo netnográfico do grupo de interesses Seer/OJS in Brazil do Facebook. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 3, p. 112-125, jul./set., 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/28172/16634>. Acesso em: 27 nov. 2019.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 nov. 2019.

DELPHY, C. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, H. et al. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

FACIO, A.; CAMACHO, R. **Del derecho androcentrico hacia una propuesta para um nuevo derecho de familia**. [199-?]. (mimeo).

FERRAZZA, D. A.; PERES, W. S. Medicalização do corpo da mulher e criminalização do aborto no Brasil. **Fractal**, v. 28, n. 1, p. 17-25, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/fractal/article/view/1016>. Acesso em: 26 nov. 2019

FREITAS, F. P. M. **Representações sobre as bibliotecas prisionais**: uma análise das interações registradas entre os membros do grupo Bibliotecários do Brasil, na rede social Facebook. 2017. Dissertação (Graduação em Biblioteconomia) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FREUD, S. **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GARCIA, D. A. et al. A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância. **Estudos Linguísticos**, v. 44, n. 3, p. 991-1008, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1032>. Acesso em: 26 nov. 2019.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> . Acesso em: 27nov. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOES, E. F. **Racismo, aborto e atenção à saúde**: uma perspectiva interseccional. 2019. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29007>. Acesso em: 26 nov. 2019.

GUERREIRO, D.; BORBINHA, J. Humanidades digitais: novos desafios e oportunidades. **Revista Internacional del Libro, Digitalización y Bibliotecas**, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/6TrFAz>. Acesso em: 26 nov. 2019.

JESUS, C. M. Branquitude x branquidade: uma análise conceitual do ser branco. In: ENCONTRO BAIANO DE ESTUDOS EM CULTURA, 3, 2012, Cachoeira. **Anais [...]** Cachoeira: UFRB, 2012. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/05/Branquitude-x-branquidade-uma-ana-%C3%83%C3%85lise-conceitual-do-ser-branco-.pdf>. Acesso: 26 nov. 2019.

KERBAUY, M. T. M. Diversidade cultural e política de informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 5, n. 1, p. 60-69, 2009. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/148>. Acesso em: 26 nov. 2019.

LAMOUREUX, Diane. Público/privado. In: HIRATA, H. et al. **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

LIMA, T. M. M. **Violência obstétrica**: as disputas discursivas e a luta das mulheres. 2019. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33886>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTELETO, R. M. Cultura da modernidade: discursos e práticas informacionais. **Revista da Escola Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p.115-137, jul./dez. 1994. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000002738>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MAYORGA, W. B.; MACHADO, J. C. Humanidades digitais: la censura y los laudatórios em las preliminares Del Siglo de Oro español; Madrid y Guzmán de Alfarache. **Hallazgos**, v. 13, n. 25, p. 111-129, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=413843445006>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/34/traducao.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v.22, n. 37, p.7-32, 1999.

MOREIRA, N. R. **O feminismo negro brasileiro**: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e em São Paulo. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MULHERES negras morrem duas vezes mais por causas relacionadas à gravidez. [s.l.], 2018a. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Ser-mae-negra/noticia/2018/06/sermaenegra-mulheres-negras-morrem-duas-vezes-mais-por-causas-relacionadas-gravidez.html>. Acesso em: 26 nov. 2019

MULHERES negras são as mais atingidas pelo feminicídio e pela criminalização do aborto. [s.l.], 2018b. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/548218-mulheres-negras-sao-as-mais-atingidas-pelo-femicidio-e-pela-criminalizacao-do-aborto>. Acesso em: 26 nov. 2019.

NOGUEIRA, T. P. C. R. Mucama Permitida: a identidade negra do trabalho doméstico no Brasil. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 3, n. 4, p. 47-58, 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/22482>. Acesso em: 26 nov. 2019.

OAKLEY, A. Science, Gender, and Women's Liberation: an argument against postmodernism. **Women's Studies International Forum**, Nova York, v. 21, n. 2, p. 133-146, 1998. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277539598000053>. Acesso em: 26 nov. 2019.

PARKER, R. **Mother Love/Mother Hate**: the power of maternal ambivalence. New York: Basic Books, 1995.

PELLEGRINO, A.; RIBEIRO, D.; BORGES, N. **Homem tem lugar no feminismo?** Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/01/03/homem-tem-lugar-no-feminismo-feministas-dizem-qual-e-o-papel-deles-na-luta.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 26 nov. 2019.

PIMENTA, R. M. Os objetos técnicos e seus papéis no horizonte das Humanidades Digitais: um caso para a Ciência da Informação. **Revista Conhecimento em Ação**, v. 1, n. 2, p. 33, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/viewFile/20/7147>. Acesso em: 26 nov. 2019.

PIMENTEL, S.; VILLELA, W. Um pouco da história da luta feminista pela descriminalização do aborto no Brasil. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 64, n. 2, p. 20-21, 2012. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252012000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 nov. 2019.

PRATHER, C. et al. The impact of racism on the sexual and reproductive health of African American Women. **Journal of Women's Health**, v. 25, n. 7, p. 664–671, jul. 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4939479/>. Acesso em: 26 nov. 2019.

PRESNER, T; JOHANSON, C. **The promise of digital humanities**. Los Angeles: UCLA, 2009.

RACISMO patriarcal: muito além do conceito. Disponível em: <https://www.cfemea.org.br/index.php/mobile-colecao-femea-e-publicacoes/colecao-femea/401-numero-175-novembro-a-dezembro-de-2013-encarte/4198-racismo-patriarcal-muito-alem-do-conceito>. Acesso em: 26 nov. 2019

_____. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. In: **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 117-127, 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.68.06>. Acesso em: 27 nov. 2019.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RIBEIRO, D. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2019.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SARDENBERG, C. M. B. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista. In: COSTA, A. A. A. C.; SARDENBERG, C. M. B. **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: NEIM-UFBA/REDOR, 2002.

SAVOLAINEN, R. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, Chicago, v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/517840>. Acesso em: 26 nov. 2019.

SIEGEL, L. A cultura digital nas relações cotidianas. In: **Teorias das mídias digitais**: linguagens, ambientes, redes. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SILVA, I. C. S. **Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney**. 2016. Dissertação (Graduação em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília.

SILVEIRA, D. T.; CÓDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora de UFRGS, 2009.

SILVEIRA, M.; GUEDES, M. Inteligência artificial, automação e sociedade: o episódio “tay” e a fuga ciberpositiva. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM HUMANIDADES DIGITAIS, 1., 2018, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10438/25729>. Acesso em: 26 nov. 2019.

SENADO Federal. **Relatório Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência Contra as Mulheres**. Subsecretaria de Apoio às Comissões Especiais e Parlamentares de Inquérito, 2013. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getPDF.asp?t=130748&>. Acesso em: 28 nov. 2019.

SILVA, K. N. Incursões e interditos sobre as sexualidades, identidades e as questões de gênero no âmbito da família e da escolar. In: PEREIRA, D. **Sexualidade e relações de gênero**. Ponta Grossa: Atena, 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, B. **Vamos juntas?: o guia da sororidade para todas**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

TESSER, C. D. et al. Violência obstétrica e prevenção quaternária: o que é e o que fazer. **Revista Brasileira de Medicina da Família e Comunidade**, vol. 10, n. 35, 2015. Disponível em: <https://www.rbmf.org.br/rbmfc/article/view/1013>. Acesso em: 26 nov. 2019.

TOMAEL, M. I.; ALCARA, A. R.; DI CHIARA, I. G. Das redes sociais à inovação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652005000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 nov. 2019.

TRAVASSOS-RODRIGUEZ, F.; FERES-CARNEIRO, T. Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 111-121, jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 nov. 2019.

TRONTO, J.C. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: JAGGAR, A. M.; BORDO, S. R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997.

WARD, R. (Pós)-(Super)-(Hiper)-Modernidade e o ciberespaço: os movimentos sociais na era das redes sociais In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM HUMANIDADES DIGITAIS, 1., 2018, Rio de Janeiro. **Anais** [...] Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2018.

WINNICOTT, W. D. **Pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

YOUTUBE. **Imprensa**. [s.l.], 2019a. Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>. Acesso em: 28nov. 2019.

YOUTUBE. **Sobre**. [s.l.], 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>. Acesso em: 28nov. 2019.